

## FUNK-SE QUEM PUDER<sup>1</sup>

Diego da SILVA<sup>2</sup>

Evelyn Cândida MAGALHÃES<sup>3</sup>

Márcia Marques DÓTOLI<sup>4</sup>

Prof<sup>a</sup>. Me. Giovanna BETINE<sup>5</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso, Alto Araguaia, MT.

### RESUMO

A peça audiovisual – documentário – a que este trabalho se refere abarca benefícios corporais e sociais da dança. Tomando como exemplo um grupo mister de dançarinos de *hip hop* chamado *Funk-se*, da cidade de Campo Grande (MS). São expostas coreografias, díspares cenários e entrevistas. Observa-se assim que a arte do movimento é salutar tanto em aspectos físicos quanto emocionais, profissionais e receptivos – em se tratando do espectador. Ao considerar tal prática como um processo comunicacional, a pesquisa se ancora em autores como Lúcia Santaella (2005) para abordar a convergência entre a Arte – dança – e a Comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte; Comunicação; Convergência; Dança; Documentário.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em vídeo (avulso).

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Aluno especial do Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, email: diego.press@hotmail.com;

<sup>3</sup> Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso, email: evelynmagalhaes@hotmail.com.

<sup>4</sup> Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso, email: marciadotoli@hotmail.com.

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação pela Universidade de Marília, docente-substituta do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: gicabetine@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

*Funk-se quem puder* é um documentário que aborda os benefícios que a arte do movimento – dança – confere às pessoas, independente de idade, cor, etnia ou profissão. O grupo de *hip-hop Funk-se*, por sua vez, é constituído por profissionais de diferentes áreas, jovens e adultos. Presentes em Campo Grande (MS), eles desenvolvem projetos sociais e trabalham com afinco na criação de coreografias com diversas temáticas a fim de transmitir variadas mensagens para quem os assiste. As coreografias são elaboradas em músicas do estilo *pop* e os ensaios acontecem no próprio estúdio do grupo. Ocasionalmente recebem apoio de órgãos públicos e submetem trabalhos artísticos a editais culturais lançados pelo Estado e pelo Ministério da Cultura.

No desenvolvimento do documentário, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em 2011, buscamos referências no termo *videodança*<sup>6</sup>, “um híbrido de dança e vídeo que se mostra como um dos pontos de convergência da dança na cultura digital” (SANTANA, 2006, p.34). A partir da tríade dança – imagem – tecnologia, pode ser entendida como uma representante da reconfiguração da dança pelas tecnologias midiáticas, especificamente pelas audiovisuais.

Nota-se que há poucas pesquisas teóricas voltadas para o estudo desta linguagem bem como o acesso a elas. Entretanto, não se eximem de questionamentos quanto à relação entre a dança e as novas mídias audiovisuais.

Maíra Spanghero (2003, p.36-37) aponta que a *videodança* é uma espécie de *videoarte* e cita três tipos de práticas concernentes: “o registro em estúdio ou palco, a adaptação de coreografia preexistente para o audiovisual e as danças pensadas diretamente para tela”, a *screen choreography*.

A fim de alcançar seus propósitos, os diretores do documentário escolheram exibir, por meio do audiovisual, fragmentos dos bastidores, como ensaios das coreografias e marcação de palco, dando uma oportunidade ao público de conhecer algumas práticas de um bailarino.

O audiovisual é um meio eficaz na mediação do processo de apropriação do conhecimento, porque comporta em sua composição vários elementos de linguagem que propiciam uma compreensão em vários níveis. Assim,

---

<sup>6</sup> A terminologia engloba três tipos de prática: o registro em estúdio ou palco, a adaptação de uma coreografia preexistente para o audiovisual e as danças pensadas diretamente para a tela. A *videoarte* surgiu quando Nam June Paik, em 1965, filmou a Comitativa Papal de dentro de um táxi na Quinta Avenida, em Nova York, e na mesma noite apresentou o vídeo como seu trabalho artístico num encontro no Cafe a-Go-Go. Informações adicionais: o vídeo surgiu em meados dos anos 60, a TV nos anos 50 e a TV em cores em 1968. (Spanghero, 2003, p.26-37).

podem facilmente desencadear associações que levam aos sentidos e aos significados (FONSECA, 1998, p.37).

Percebe-se que o que se vê em grande parte das problematizações teóricas acerca da dança no vídeo é a referência ao vídeo apenas como uma simples ferramenta/suporte, sem voltar-se às suas especificidades enquanto mídia audiovisual, insistindo na idéia de que a dança ainda é a parte principal do híbrido.

O discurso videográfico é impuro por natureza, ele reprocessa formas de expressão colocadas em circulação por outros meios, atribuindo-lhes novos valores, e a sua ‘especificidade’, se houver, está sobretudo na solução peculiar que ele dá ao problema da síntese de todas essas contribuições. [...] A imagem eletrônica, por sua própria natureza, tende a se configurar sob a figura dos sinédoque, em que a parte, o detalhe e o fragmento são articulados para sugerir o todo, sem que esse todo, entretanto, possa jamais ser revelado de uma só vez. [...] mas o vídeo é também um fenômeno de comunicação [...]. [...] um processo de trocas e de diálogo pouco comum em outros meios. [...] o quadro videográfico tende a ser mais estilizado, mais abstrato e, por conseqüência, bem menos realista do que seus ancestrais, os quadros fotográfico e cinematográfico. [...] a arte do vídeo tende a se configurar mais como *processo* do que como *produto* e essa contingência reclama um tratamento semiótico fundamentalmente descontínuo e fragmentário. [...] A convivência diária com a televisão e os meios eletrônicos em geral tem mudado substancialmente a maneira como o espectador se relaciona com as imagens.” (MACHADO, 1997, p.209)

Estes trechos de Arlindo Machado sobre o vídeo podem ilustrar sobre o que se sente falta, dentre todas as coisas que fazem falta, de investigar e reconhecer que na videodança há um mundo-vídeo que precisa ser considerado e que é tão protagonista quanto o mundo-dança. Um mundo-vídeo que acolhe a dança – assim como é acolhido por ela – e que apresenta questionamentos relativos a este mundo: estéticos, econômicos, políticos, filosóficos e, principalmente, comunicacionais, uma vez que o vídeo é “corpo comunicativo” e carrega características específicas enquanto tecnologia da comunicação. Corpo este que possui suas próprias lógicas de funcionamento, “anatomia”, “fisiologia” e sentidos próprios, como nos mostra Arlindo Machado, Suzana Kilpp (2005) com “Mundos Televisivos” e tantos outros que se dedicam ao estudo das imagens eletrônicas.

Mundo-dança e mundo-vídeo se confluem na “hibridez” da videodança e no objetivo desse documentário, lançando novos questionamentos ao mundo a partir de significações apresentadas sob formas simbólicas.

Acredita-se que o produto: documentário, que trate do assunto “dança”, é um campo decisivamente fértil para alavancar discussões teóricas sobre questões relativas ao corpo na arte que hoje se produz; esta que é cada vez mais mediada pelas novas tecnologias da

informação. Fértil porque a dança é por excelência arte do corpo, no corpo, sobre o corpo e para o corpo, e pensa sobre ele desde o século XV até os dias de hoje.

Logo, vê-se a necessidade de se estar atento aos aspectos da linguagem cinematográfica, que incluem cenas de dança para uma possível compreensão sobre a forma com a qual reverberam na esfera sócio-cultural e artística.

## **2 OBJETIVO**

Este trabalho objetiva somar estudos referentes à dança e ao documentário. Foram realizadas entrevistas com dançarinos de diferentes profissões de modo que suscitem uma relação entre a dança e seus respectivos trabalhos. Extraindo informações que reforçam os benefícios da dança tanto para a vida profissional quanto para a vida cotidiana. Levantando, assim, as vantagens da dança para seus praticantes e para os seus espectadores. Espera-se, deste modo, que as abordagens estimulem este exercício.

A produção deste documentário, mídia audiovisual, procura investigar sua relação com a dança enquanto produto cultural, ou seja, pensar nas possibilidades de difusão da dança por meio de um documentário, resultando na emergência de novos fazeres e pensamentos sobre esta arte.

Vale acrescentar que sensíveis à reconfiguração que a arte vem sofrendo em tempos contemporâneos, os autores de “Funk-se quem puder” se interessam pela conseqüente reconfiguração da dança quanto a sua relação com as novas mídias comunicacionais e tecnologias da informação, podendo torná-la acessível por meio de um veículo digital, TV, dispositivos de armazenamentos e outros itens que proporcionam portabilidade.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Acessibilidade e praticidade são dois termos que definem muito bem o documentário, uma peça audiovisual de grande teor atrativo. Manuela Penafria (2001, p.5) afirma que a principal função do gênero documentário é “incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, sentidas com maior ou menor intensidade. Apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não vêem ou lhes escapa”.

Alimentar o separatismo conduz a severas perdas tanto para o lado da arte quanto para o lado da comunicação”, aponta Santaella (2005, p.7) em suas considerações sobre a convergência entre arte e comunicação. E nesse contexto, o documentário parecerá ser

emblemático no processo de junção: de um lado a dança como representante da arte. De outro, o vídeo como representante da comunicação produzindo, juntos, significações, difusões e recepções específicas, numa espécie de “indissociação que veio crescendo através dos últimos séculos para atingir um ponto culminante na contemporaneidade (SANTAELLA, 2005, p.7).

Portanto, é preciso estar atento a estes aspectos para uma possível compreensão sobre a forma com a qual reverberam na esfera sócio-cultural e artística. Bernardo Kucinski (1998, p.18) alega que “é por intermédio da TV, que as classes B, C, D e E percebem os assuntos atuais, adquirem novos hábitos e desenvolvem uma linguagem comum”. Essa afirmação proposta pelo jornalista nos adverte para o poder de influência da televisão que se acentua em sociedades com condições culturais, econômicas e sociais precárias, como a brasileira, por exemplo.

Podemos compreender o documentário como um gênero que conflui com a socialização. Assim como foi exposto anteriormente quanto à interação com o público, Zandonade e Fagundes (2003) abordam este aspecto acrescentando também como um relevante fator que fomenta a obtenção de conhecimentos.

O vídeo documentário além de valorizar fatos individuais e peculiares com a valorização das diferenças (...), ainda possui uma linguagem mais aprofundada dos temas apresentados e, podendo ser utilizado como um veículo de impulsão para o desenvolvimento cultural (ZANDONADE e FAGUNDES, 2003, p.40).

O grau de analfabetismo da população brasileira e o imenso volume de integrantes de classe baixa dificultam o acesso à cultura e ao conhecimento, chegando a poder ser considerado como um ‘privilégio’ de uma minúscula parcela. E são os meios de comunicação de massa que trazem à tona a percepção dos acontecimentos da sociedade (idem, p.39).

Em contrapartida, uma maneira de enriquecer os conhecimentos individuais e coletivos também é propiciada pela “convergência de mídias” bem como aponta Ramos, (2008) e Santaella (2005) ao abordar a convergência entre as comunicações e as artes. Neste viés, vale lembrar que o documentário é uma peça que pode estar presente em várias mídias, como o cinema, a TV e a internet.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

As técnicas utilizadas, dentre planos, ângulos e cenários escolhidos, para a formação do filme *Funk-se quem puder*, são propositais e com intuítos definidos pela direção do

filme. Utilizamos-nos de técnicas de entrevistas para conseguirmos as respostas que fossem ao encontro dos objetivos do documentário. Para a exclusão da voz-over, narração da história contada pelo jornalista, foi necessário que os entrevistados incluíssem dados em suas falas que foram indispensáveis para a compreensão do conteúdo.

Escolhemos o grupo de dança *Funk-se* por nos mostrar possibilidades de movimentos corporais do *hip hop* e por seus integrantes se disponibilizarem a gravar. Além do grupo desenvolver projetos sociais em mais de vinte e três bairros da cidade de Campo Grande (MS), levando teatro, dança e arte circense aos adolescentes carentes da cidade. Como mostrar os benefícios que a dança ocasiona por meio de um filme? Dentre todas as atividades necessárias, antes de tudo escolhemos possibilidades de entrevistados e desenvolvemos as pautas de cada entrevista.

Para o desenvolvimento do documentário *Funk-se quem puder* foram utilizadas câmaras filmadoras e fotográficas. As imagens contidas no filme foram gravadas com uma câmera da marca Sony DvCam 3CCD e uma Sony Hvr-A1U HDV. Para registro dos bastidores e de fotos a serem utilizadas na apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso em questão, utilizamos uma máquina digital reflex Nikon D90 com objetiva 18x105mm. O programa utilizado para edição foi *Final Cut Pro Apple*, o mesmo que deixou nosso documentário no formato *MPG 2 6.2 mega pixels-pass.m2v*, para o formato de tela *widescreen*.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Uma opção adotada pelo grupo de estudantes responsáveis pela elaboração do documentário em questão foi a participação de todos em todas as etapas de criação da peça audiovisual, para que assim além de trocarmos experiências, conhecêssemos novas técnicas juntos, como também podermos compartilhar das etapas que vão desde a pré a pós-produção. O título *Funk-se quem puder* foi escolhido pelo grupo para intitular o documentário exatamente pelo sentido da frase dita pelo coreógrafo Edson Clair, um dos entrevistados principais do filme, que retirou o nome do grupo *Funk-se* de uma música de Gilberto Gil.

O resultado foi um produto audiovisual carregados de entrevistas sobre a prática da dança e seus benefícios para atuantes e os receptores de um espetáculo, no tempo de 18 minutos e 40 segundos, com planos e ângulos diversificados, e auxiliados por uma pesquisa referente à videodança e troca de informações com artistas da área de várias regiões do país.

Conseguimos uma história totalmente narrada pelos próprios personagens, o que enriquece o discurso, pois não terceirizamos a fala, todo discurso a ser gravado, foi dito pelos próprios entrevistados, seja ele profissional especializado na área sobre a qual necessitávamos de informações, ou bailarinos opinando sobre a prática da dança, bem como a entrevista com uma educadora física que retrata alguns benefícios físicos que a dança ocasiona, e as opiniões aleatórias que designam o que é dança por alguns integrantes do Funk-se. Além de especialistas e de uma jornalista falando sobre a recepção de um espetáculo de dança e seu poder de comunicação.

A trilha sonora se baseia em músicas utilizadas pelo grupo para suas coreografias, além de utilizarmos outras com batidas rápidas e de *hip-hop*, para fazer jus ao tema e ao grupo de dança estudado. Para fechar o documentário nos utilizamos de uma música francesa que transmite as intenções da peça audiovisual, *Alors on Danse*, que traduzida para o português significa “Vamos Dançar”. A música além de fazer sucesso entre os jovens atualmente é reconhecida por suas batidas de balada e por estar no topo das paradas de sucesso. Além disso, sua letra remete a alguns problemas sociais e o autor sugere que esqueçamos os problemas e nos convida a dançar.

Para viabilizarmos os custos vimos nos editais culturais do Estado de Mato Grosso e do município de Alto Araguaia, possibilidades que bancassem produções de documentário, então inscrevemos nosso projeto em ambos, e fomos agraciados pela edital do município onde está instalada nossa universidade. A lei de incentivo à cultura até então não tinha sido procurada por nenhum interessado, passamos então a fazer valer direitos dos quais muitos desconhecem ter.

Viajamos do interior de Mato Grosso para uma capital de outro Estado para gravar um documentário sem nenhuma filmadora e nenhum microfone, devido a estrutura falha da nossa universidade pública. Mas no destino recorreremos à Prefeitura Municipal de Campo Grande, que nos indicou a FUNDAC – Fundação Municipal de Cultura – que nos concedeu aparelhos e nos indicou pessoas que viabilizaram e compraram nossos objetivos. Foram três viagens a Mato Grosso do Sul com um carro emprestado, ora dormindo mal, ora bem, gastos com hospedagem, estradas sem asfalto e repleta de lama, ajuda de amigos, passagens, alimentação, locação de equipamento, compra de matérias, mas também muita receptividade e ajuda do povo sul-matogrossense para a elaboração do trabalho desse grupo que não pretendia um projeto apenas por cumprir um roteiro acadêmico, mas que tinham curiosidade e desejo por uma pesquisa específica.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A partir da observação de exemplos por meio do grupo de dança Funk-se, essa peça audiovisual tem o intuito de difundir uma mensagem positiva quanto à prática da dança. A busca por esse resultado trouxe outros questionamentos e respostas imediatas a eles durante o período de pesquisa.

Como manter nessa peça audiovisual cinematográfica o máximo de teor jornalístico possível? As imagens narram histórias junto aos depoimentos, como entrelaçá-los? Além do discurso dos entrevistados temos ainda a utilização do corpo como canal de comunicação, como abordar tal questão e deixar transparente também ao espectador? Por que dançar?

Esses questionamentos são alguns dos que foram feitos na trajetória da elaboração desse trabalho, que desperta curiosidade quanto a partes do corpo e seus movimentos, tão pouco estudados quando se refere ao campo da comunicação. Para trazer as respostas desses questionamentos, foram colocadas em prática técnicas de entrevistas aprendidas no decorrer do curso de jornalismo, práticas de cinegrafia, organização de idéias de acordo com o que se intencionava no resultado final do documentário, além de estabelecer um produto final com as visões pretendidas.

O estudo da dança acarreta a sensibilidade cultural e a partir de então a análise de cada coreografia como um instrumento carregado de informações e intenções. Passa-se a pensar no corpo como um veículo de comunicação, que emite mensagem para outro corpo e que terá reações positivas ou contrárias.

Esses movimentos elaborados por bailarinos quando passados para uma mídia audiovisual perpetram uma série de informações diferenciadas das informações recebidas por quem está sentado na platéia de um teatro. As câmeras, as movimentações de ângulos, a troca de planos provocam uma linguagem cinematográfica que emitem uma mensagem incumbida de dois pontos de vista, o do coreógrafo e do diretor de imagem.

O coreógrafo relata história, experiências e outras mensagens a partir do corpo do bailarino, enquanto que o diretor de imagem seleciona cenas para passar um ponto de vista baseado nas possibilidades de captura de imagens de uma câmera filmadora, ou do ponto de vista pessoal.

As estratégias discursivas utilizadas, tanto as verbais quanto as não-verbais, propõem a contribuição tanto para estudos já existentes que relacionam dança e comunicação audiovisual, quanto aos estudos que ainda se desenvolverão. Convém ressaltar que não se intenciona com esse documentário convencer o espectador a pensar

diferente daquilo que pensa, mas sim trazer à tona experiências de outras pessoas como sugestões que possam contribuir com qualidade de vida física e emocional.

Em suma, relacionar as palavras chaves desse trabalho: dança, documentário, convergência, comunicação e arte, além de satisfatório cientificamente para o mundo da pesquisa, foi também prazeroso aos autores que dançaram, leram, gravaram, editaram e contribuíram, não com mais uma peça audiovisual que será lançada na rede, mas com um documentário, ancorado por depoimentos marcantes, cenas nítidas e com uma mensagem positiva no que se refere à arte.

Segue link do documentário dividido em duas partes, disposto no site YouTube:

Funk-se quem puder – Parte 1 – <http://migre.me/8OnzV>

Funk-se quem puder – Parte 2 – <http://migre.me/8OnGC>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Marcelo. **Mas, afinal, o que é um webdocumentário?**

<http://webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/para-saber-mais/mas-afinal-oque-e-webdocumentario/> Acesso em: 18/01/2011/ 10h31.

FONSECA, Maria Tereza de Azevedo da. Realização e recepção: um exercício de leitura. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: Moderna, 1998. Disponível em: [http://bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=tomba-rodrigo-webdocumentario.html](http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=tomba-rodrigo-webdocumentario.html). Acessado em 26 abr 2009.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. **A arte do vídeo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **A televisão levada a sério**. 2.ed. São Paulo: Senac, 2001.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia**. Lisboa: Cosmos, 1999.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

SANTANA, Ivani. Esqueçam as fronteiras! Videodança: ponto de convergência da dança na cultura digital. In **Dança em Foco: dança e tecnologia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Instituto Telemar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Dança na cultura digital**. Salvador: EDUFBA, 2006.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano. **Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SPANGHERO, Maíra. **A dança dos encéfalos acesos**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. <http://www.bocc.uff.br/pag/zandonade-vanessa-videodocumentario.pdf> Acesso em: 14/01/2011/ 13h51.

[http://www.mnemocine.art.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=179:glossarioaudiovisual&catid=34:tecnica&Itemid=67](http://www.mnemocine.art.br/index.php?option=com_content&view=article&id=179:glossarioaudiovisual&catid=34:tecnica&Itemid=67). Acesso em 26/01/2011/ 09h46.

[www.arteducar.com/.../pdf/Cinema%20no%20Cinema08Pt3.pdf](http://www.arteducar.com/.../pdf/Cinema%20no%20Cinema08Pt3.pdf). Acesso em 27/01/2011/ 17h55.